

CADERNO

Fé e Cultura

Edição 07
8 de fevereiro de 2023



Use o QRCode para acessar o Caderno Cultural na Internet, com mais artigos e links citados.

O SÃO PAULO



NÚCLEO
FÉ E
CULTURA
Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo

Arte: Sergio Ricciuto Conte



Ratzinger - Bento XVI desconhecido

Ratzinger - Bento XVI desconhecido

Núcleo Fé e Cultura

Como entender o pensamento de Joseph Ratzinger / Bento XVI? Seu brasão, tanto como bispo quanto como papa, trazia um urso arreado como animal de carga e uma concha do mar. O urso remetia a São Corbiniano (680-730), Bispo de Frisinga, na Baviera, que chamado a Roma pelo papa, teve seu cavalo comido por um urso. O Santo, então, domou o urso, fazendo dele um animal de carga que o ajudasse a chegar a Roma. A concha relembra Santo Agostinho (354-430), que teria visto um jovem tentando colocar toda a água do mar em um buraco na praia. O jovem explicou ao Santo que, assim como era impossível colocar a água do mar no buraco, era impossível ao ser humano entender todo o mistério de Deus.

Os dois símbolos heráldicos remetem à humildade. Todo teólogo deve, humildemente, submeter sua inteligência à grandeza inescrutável de Deus – mas aquele teólogo específico, J. Ratzinger, se reconhecia como um urso nas florestas acadêmicas da Alemanha, que por obediência à Igreja se colocava como animal de carga nos caminhos do Vaticano. Esse é o primeiro aspecto pouco percebido, que procuramos sublinhar neste Caderno Fé e Cultura: o “*rottweiler da fé*”, como foi denominado enquanto Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé,



não era um prepotente arrogante, mas, sim, um homem humilde, que esperava dos outros a obediência à Verdade que ele mesmo procurava viver.

Um homem de diálogo, que interagiu fraternalmente com filósofos, cientistas, rabinos e intelectuais islâmicos. Sua absoluta convicção na força da Verdade e na necessidade dos dialogantes se deixarem corrigir um pelo outro o tornaram, porém, um “sincericida” – uma daquelas pessoas que exprime com sinceridade suas convicções, sem se dar conta dos protocolos do “politicamente correto”.

No entanto, o aspecto mais relevante de sua obra, aquele pelo qual ele provavelmente gostaria de ser lembrado, é de ser um pensador determinado pelo encontro com Cristo e por seu amor. Sem reconhecer esse primado do amor, de Deus por nós e, em consequência, de nós por nossos irmãos, toda a obra teológica de Ratzinger / Bento XVI será deturpada – como, aliás, será deturpado todo o Cristianismo.

Neste Caderno Fé e Cultura procuramos mostrar esses aspectos pouco conhecidos de sua obra. Agradecemos como sempre a nossos muitos colaboradores e particularmente à revista *Communio International Catholic Review*.

A teologia que integra razão e coração

Monja beneditina camaldolense

Quando, na manhã de 31 de dezembro de 2022, o Papa Emérito Bento XVI voltou à casa do Pai, quais sinais, quais perguntas sua vida deixou para nós? Numa entrevista imediatamente após sua morte, seu secretário, Georg Gänswein, revelou o mistério da vida do Papa falecido: “Com um fio de voz, mas de uma maneira claramente distinguível, disse, em italiano: Senhor, eu te amo!”. Foram suas últimas palavras... Falando das últimas horas de Santa Teresinha do Menino Jesus, proclamada Doutora da Igreja em 1997, considerada especialista na scientia amoris. Bento XVI disse: “Faleceu, pronunciando as simples palavras ‘Meu Deus, eu te amo!’ [...] Essas últimas palavras da Santa são a chave de toda a sua doutrina, da sua interpretação do Evangelho. O ato de amor, expresso em seu último suspiro, era como o contínuo respiro de sua alma, como o bater de seu coração” (Audiência Geral, 06/04/2011).

E se ele soubesse, naquela audiência, que suas últimas palavras seriam assim e sua passagem ao amor que os esperava tão semelhante! Ele não sabia que falava de si mesmo e, no entanto, continuou o seu discurso como se revelasse o seu próprio humor: “Queridos amigos, também nós, como Santa Teresa do Menino Jesus, devemos poder repetir todos os dias ao Senhor que queremos viver no amor por Ele e pelos outros, aprender na escola dos santos a amar autêntica e totalmente. Teresa é um dos “pequeninos” do Evangelho que se deixam conduzir por Deus às profundezas do seu Mistério. Guia para todos, especialmente para aqueles que, no povo de Deus, desempenham o ministério dos teólogos. Com humildade e caridade, fé e esperança, Teresa entra continuamente no coração da Sagrada Escritura, que contém o Mistério de Cristo. E esta leitura da Bíblia, alimentada pela ciência do amor, não se opõe à ciência acadêmica. A ciência dos santos, de fato, da qual ela mesma fala na última página da *História de uma Alma* (São Paulo: Loyola, 1996), é a ciência mais elevada”.

A morte dos santos é surpreendente e, como única coisa a dizer, têm a expressão do seu amor: “Senhor, Jesus, eu te amo!”. Não se pode dizer tais palavras no momento decisivo da morte, se não se está

habitado a repeti-las todos os dias, todas as horas, com cada respiração.

O Papa Francisco, na [celebração do 65º aniversário da ordenação sacerdotal de Bento XVI](#), disse: “Numa das tantas páginas bonitas que Vossa Santidade dedica ao sacerdócio, frisa como, na hora da chamada definitiva de Simão, Jesus, olhando para ele, no fundo pergunta-lhe uma só coisa: ‘Tu Me amas?’. Como é belo e verdadeiro isso! Porque é nisso, Vossa Santidade nos diz, naquele ‘Tu Me amas?’ que o Senhor funda o pastoreio, porque só se houver amor ao Senhor Ele pode apascentar por nosso intermédio: ‘Senhor, tu sabes tudo, tu bem sabes que Te amo’ (cf. Jo 21,15-19). Esta é a característica que domina toda uma vida despendida ao serviço do sacerdócio e da teologia, que Vossa Santidade não hesitou em definir como ‘busca pelo amado’. Foi isso que Vossa Santidade sempre testemunhou e ainda hoje testemunha: que o aspecto decisivo nos nossos dias — de sol ou de chuva — aquele do qual advém todo o resto, é que o Senhor esteja realmente presente, que O desejemos, que interiormente estejamos próximos Dele, que O amemos, que acreditemos profundamente Nele e, crendo, O amemos realmente. É este amar que nos enche realmente o coração, é este crer que nos faz caminhar seguros e tranquilos sobre as águas, até no

meio da tempestade, precisamente como aconteceu a Pedro. Este amar e este crer é aquilo que nos permite olhar para o futuro não com receio ou saudades, mas com júbilo, até nos anos já avançados da nossa vida”.

A busca pelo amado... Esse é o segredo de toda sua vida e do seu enorme compromisso no campo da teologia. O Papa Bento XVI conheceu a Deus, toda a sua vida foi dedicada a conhecê-Lo, a buscá-Lo com todas as suas forças. Podia ir ao encontro do seu Amado com a confissão de amor, com as simples palavras ditas no meio da noite. No Prefácio do livro *Dio è sempre nuovo. Pensieri spirituali* (Libreria Editrice Vaticana, 2022), que reúne os pensamentos espirituais do Papa Bento XVI, Francisco escreve: “O título já exprime um dos aspectos mais característicos do Magistério e da visão de fé do meu predecessor: sim, Deus é sempre novo porque é fonte e razão da beleza, da graça e da verdade. Deus nunca é repetitivo, Deus nos surpreende, Deus traz novidade. O frescor espiritual que brilha por meio destas páginas confirma isso com intensidade [...] O modo como Bento XVI soube fazer interagir coração e razão, pensamento e afeto, racionalidade e emoção, constitui um modelo fecundo de como poder anunciar a todos a força explosiva do Evangelho”.

O olhar de Cristo e o desenvolvimento humano integral

Deus guarda-nos e ampara-nos. Sim, o Senhor ouve ainda hoje o grito das multidões famintas de alegria, de paz, de amor. Hoje, como aliás em todos os períodos, elas sentem-se abandonadas. E, todavia, mesmo na desolação da miséria, da solidão, da violência e da fome que atinge indistintamente idosos, adultos e crianças, Deus não permite que as trevas do horror prevaleçam [...] “Jesus, ao ver as multidões, encheu-Se de compaixão por elas” (Mt 9,36) [...] A Igreja sabe que, para promover um desenvolvimento integral, é necessário que o nosso “olhar” sobre

o homem seja idêntico ao de Cristo. De fato, não é possível de modo algum separar a resposta às necessidades materiais e sociais dos homens da satisfação das necessidades profundas do seu coração. Isso deve ser ressaltado muito mais numa época como a nossa, de grandes transformações, em que nos damos conta de forma cada vez mais viva e urgente da nossa responsabilidade em relação aos pobres do mundo [...] O “olhar” de Cristo sobre a multidão obriga-nos a afirmar os verdadeiros conteúdos daquele “humanismo total” que, sempre segundo Paulo VI,

consiste no “desenvolvimento integral do homem todo e de todos os homens”. Por isso, a primeira contribuição que a Igreja oferece para o desenvolvimento do homem e dos povos não se consubstancia em meios materiais nem em soluções técnicas, mas no anúncio da verdade de Cristo que educa as consciências e ensina a autêntica dignidade da pessoa e do trabalho, promovendo a formação de uma cultura que corresponda verdadeiramente a todas as exigências do homem.

(Bento XVI, Mensagem para a Quaresma de 2006)

A Doutrina Social da Igreja a partir do amor

Francisco Borba
Ribeiro Neto*

O [Compêndio da Doutrina Social da Igreja](#), publicado em 2004, foi uma síntese abrangente do magistério social católico até aquela data. Praticamente todos os princípios que orientam o pensamento sociopolítico católico estão ali enunciados. Até mesmo as bases da posição cristã em relação à questão ambiental, magnificamente desenvolvidas posteriormente na [Laudato si'](#) (2015), estão ali expostas. Contudo, uma sutil mudança (que, diga-se de passagem, vigora ainda com o Papa Francisco) marcou a passagem do pontificado de São João Paulo II para o de Bento XVI: o amor como ponto de partida da reflexão sobre temas sociais.

Das três encíclicas publicadas por Bento XVI, duas levam a palavra *caritas*, amor, no título. Em comparação com o [Compêndio](#), substantivos como amor, caridade, misericórdia, ternura – todos indicativos de um mesmo foco – são cerca de duas vezes mais comuns na encíclica [Caritas in veritate](#) (CV, 2009) e cerca de seis vezes mais comuns na segunda parte (dedicada a temas sociais) da encíclica [Deus caritas est](#) (DCE, 2005). O título e frequência com a qual uma palavra aparece num texto não revelam sua lógica interna, mas refletem as preocupações do autor. Como entender essa mudança de enfoque entre o [Compêndio](#) e as encíclicas sociais de Bento XVI?

Ainda que a Doutrina Social seja uma reflexão teológica, ela é destinada a todos. Numa sociedade plural, seus princípios necessitam de uma fundamentação antropológica e sociológica que transcenda a base confessional. A mera apresentação de uma norma, por mais verdadeira e justa que seja, não basta para criar uma base de entendimento numa sociedade pluralista.

Bento XVI repropõe e reafirma, a partir da Deus caritas est (DCE), a compreensão do amor de Deus por nós como base para a Doutrina Social da Igreja: a dignidade e o valor da pessoa humana se evidenciam a partir da experiência de ser amado, o acontecimento do amor nos revela nossa própria dignidade e nos chama à solidariedade. Evidentemente, isso não quer dizer que o amor estivesse ausente nos documentos anteriores, mas esta ênfase merece uma análise. Passa, sem dúvida, por uma característica pessoal do teólogo Joseph Ratzinger, mas também revela uma forma diferente do pensamento social católico se apresentar ao mundo. Nesse sentido, tanto com Bento XVI quanto com o Papa Francisco, o magistério social católico ganha um aspecto renovado que precisa ser devidamente entendido e aplicado.

O reconhecimento da dignidade da pessoa humana foi uma das marcas do século XX. Por mais que, em muitas situações, os princípios fossem e ainda sejam negados, na prática, criou-se um consenso internacional sobre a dignidade e os direitos da pessoa. São João Paulo II, que como acadêmico havia abraçado a filosofia personalista, viu ali um ponto de referência compartilhado, que permitiria o diálogo entre a Doutrina Social e os diferentes programas políticos contemporâneos. Assim, tanto na estrutura lógica quanto na ênfase geral, o [Compêndio](#), que não se restringe ao período de São João Paulo II, mas segue a linha central de seu pontificado, é uma obra marcadamente personalista.

Contudo, a percepção da pessoa humana e de sua dignidade deixou de ser considerada como autoevidente ao longo da segunda metade do século XX, sendo cada vez mais vista como um *constructo* social relativo. A autonomia individual foi consagrada como único valor universal, levando

à relativização de todos os demais. A visão personalista deixou de ser um ponto de referência compartilhado entre católicos e não católicos. O interminável dissenso sobre a questão do aborto e do direito à vida do embrião humano é o exemplo mais clamoroso desse contexto cultural.

Com maior ou menor consciência da situação, para seu posicionamento no diálogo com o mundo secular do século XXI, a Doutrina Social, sem abandonar o princípio personalista, teve que encontrar uma fundamentação mais radical – no sentido de mais próxima às raízes, às origens. A pergunta não formulada, mas implícita no desenvolvimento dos textos pontifícios, é “o que nos permite reconhecer a dignidade da pessoa humana e nos solidarizarmos com ela sem concessões?”

Bento XVI explicita essa questão em seu [discurso inaugural](#) da Conferência de Aparecida: “As estruturas justas são, como já disse, uma condição indispensável para uma sociedade justa, mas não nascem nem

funcionam sem um consenso moral da sociedade sobre os valores fundamentais e sobre a necessidade de viver esses valores com as necessárias renúncias, inclusive contra o interesse pessoal. Quando Deus está ausente, o Deus do rosto humano de Jesus Cristo, esses valores não se mostram com toda a sua força, nem se produzem um consenso sobre eles. Não quero dizer que os não-crentes não podem viver uma moralidade elevada e exemplar; digo somente que uma sociedade na qual Deus está ausente não encontra o consenso necessário sobre os valores morais e a força para viver segundo a pauta destes valores, também contra os próprios interesses”.

Uma criança que venha de lares desfeitos ou que não tenha conhecido uma família terá muito mais dificuldade para reconhecer a própria dignidade do que a pessoa que conheceu o amor ao longo de seu desenvolvimento humano. Isso não quer dizer que as exigências de dignidade e solidariedade não se apresentem, mas serão mal compreendidas, encaminhando-se para uma postura auto-centrada, indiferente e até violenta para com os demais.

Por isso, Cristo, o Pastor que por amor abandona todas as ovelhas em busca da desgarrada (Lc 15,3-7; Jo 10,11-16), o Deus que se deixa matar por amor a suas criaturas, que o traíram e continuam a traí-lo, é o maior anúncio da dignidade da pessoa humana e da solidariedade a ela já feito na história. Bento XVI e, depois dele, Francisco perceberam a necessidade de que o amor cristão crescesse em sua dimensão política (DCE 28-30), tornando-se “amor social”, “amor político” ([Fratelli tutti](#), FT 183-186).

O legado de Bento XVI sobre política, justiça e amor

Daniela Jorge Milani

Na concepção de Bento XVI, como em toda a Doutrina Social católica, a construção de uma sociedade justa está nas mãos da política. Assim, o primeiro ponto acima traz um retorno à ideia agostiniana de que, sem a justiça, o Estado se reduziria a “um bando de salteadores”, pois a política não é mera técnica administrativa e de elaboração e aplicação de leis. Sua origem e seu fim têm natureza ética: a justiça. Contudo, o Estado não é o gigante responsável pela solução de todos os problemas humanos e sociais, mas aquele que apoia iniciativas particulares das mais diversas forças da sociedade, que surgem de seu próprio meio, estão próximas ao cidadão e conhecem suas reais necessidades.

A Igreja se apresenta como uma destas grandes forças da sociedade, não porque pretende imiscuir-se em assuntos de competência estatal, mas porque está a serviço da verdade e da dignidade do homem e, nesse sentido, preocupa-se em orientar sua vocação (cf. [Entrevista durante o voo para o Brasil](#), 09/05/2007). Ela trabalha no sentido de despertar as consciências sobre o bem, a justiça e o amor, para a construção de estruturas justas.

Todo cidadão é chamado a colaborar para a construção de uma sociedade mais justa. Contudo, como lembra o [Catecismo da Igreja Católica](#) (CIC 407), “Ignorar que o homem tem uma natureza ferida, inclinada para o mal, dá lugar a graves erros no domínio da educação, da política, da ação social e dos costumes”. Nas palavras de Bento

Em seu magistério, Bento XVI reafirma o princípio do amor entrelaçado à verdade, como critério orientador de ação moral para a construção de ordens sociais justas no mundo, fundamentadas nos valores da justiça e o bem comum (Caritas in veritate, CV 6). O amor ao próximo é um amor concreto e comprometedor que envolve não apenas o aspecto individual, mas social, posto que o homem não vive em isolamento, mas em contínua inter-relação. Na Deus caritas est (DCE), resume a relação própria entre justiça e amor em dois pontos essenciais: (1) o dever da política é a justa ordem da sociedade e do Estado e (2) o amor é necessário à justiça (DCE 26ss).

XVI, “o dado empírico é que existe uma contradição no nosso ser. Por um lado, cada homem sabe que deve fazer o bem e intimamente até quer fazê-lo. Mas, ao mesmo tempo, sente também o outro impulso para fazer o contrário, para seguir o caminho do egoísmo, da violência, para fazer só o que lhe apraz, mesmo sabendo que assim age contra o bem, contra Deus e contra o próximo” ([Audiência Geral](#), 03/12/2008). O mal pode ser praticado por qualquer um que se veja imbuído de um motivo egoísta ou se disponha a buscar a verdade. Por isso, para poder operar retamente, a razão deve ser continuamente purificada, porque sua cegueira ética, derivada da prevalência do interesse e do poder que a deslumbram, é um perigo nunca totalmente eliminado (DCE 28). E aqui surge a necessidade de falarmos da justiça.

Chega-se aqui ao segundo pon-

to da relação entre amor e justiça de Bento XVI: *não se pode falar de amor sem antes falar de justiça*, ou seja, o amor pressupõe a justiça, porque não há como dar ao outro algo além, se ele está privado até mesmo do que é seu por direito. Portanto, a justiça é o primeiro passo do amor. Contudo, como pregou no [Angelus](#), em fevereiro de 2007, o mandamento de amar até o inimigo não consiste em ser conivente com o mal, segundo uma falsa interpretação do “oferecer a outra face”. E por qual razão Jesus pede para amar os próprios inimigos, um amor que excede as capacidades humanas? perguntou-se. É que Jesus sabia que no mundo existe violência de mais, injustiça de mais, situações que não podem ser solucionadas de outro modo a não ser com algo mais. Nas suas palavras: “Este ‘algo mais’ vem de Deus: é a sua misericórdia, que se fez carne em Jesus e que so-

zinha pode ‘inclinat’ o mundo do mal para o bem, a partir daquele pequeno e decisivo ‘mundo’ que é o coração do homem.” ([Angelus](#), 18/02/2007).

Infelizmente, a palavra amor contempla inúmeras realidades, nem sempre análogas ou sequer complementares, que podem até mesmo ser opostas, como quando se diz matar por amor. De todo modo, a Igreja ensina que a vocação do homem é o amor ensinado por Jesus aos seus discípulos: o amor ao próximo, seja quem for, mesmo que seja seu inimigo, seu ofensor. Esse é o amor que abunda nos escritos neotestamentários e que é descrito com a palavra ágape.

O amor que se estende até o inimigo é a magna carta da não violência cristã, que não é mera estratégia, mas um modo de existir no mundo, a maneira de ser de quem está convicto do amor de Deus e não tem medo de enfrentar o mal somente com as armas do amor e da verdade ([Angelus](#), 18/02/2007).

A Igreja, em relação à política, trabalha no sentido de despertar as consciências sobre o bem, a justiça e o amor, para a construção de estruturas justas. Portanto, tratemos de quebrar a corrente do mal, do ódio, da vingança e da injustiça, porque se a justiça induz a dar a cada um o que é seu, o amor induz a dar mais, a dar de si próprio, a fazer renúncias, a perdoar. É assim que Deus age conosco e espera que façamos entre nós.

* Mestre e doutora em Filosofia do Direito pela PUC-SP e advogada em São Paulo.

Mesmo na sociedade mais justa, teremos necessidade do amor

O amor — *caritas* — será sempre necessário, mesmo na sociedade mais justa. Não há qualquer ordenamento estatal justo que possa tornar supérfluo o serviço do amor. Quem quer desfazer-se do amor, prepara-se para se desfazer do homem como homem. Sempre haverá sofrimento que necessita de consolação e ajuda. Haverá sempre solidão. Existirão sempre também situações de necessidade material, para as quais é indispensável uma ajuda na linha de um amor concreto ao próximo. Um Estado que queira prover a tudo e tudo açambarque

torna-se, no fim de contas, uma instância burocrática, que não pode assegurar o essencial de que o homem sofredor — todo homem — tem necessidade: a amorosa dedicação pessoal. Não precisamos de um Estado que regule e domine tudo, mas de um Estado que generosamente reconheça e apoie, segundo o princípio de subsidiariedade, as iniciativas que nascem das diversas forças sociais e conjugam espontaneidade e proximidade aos homens carecidos de ajuda. [...] Embora as manifestações específicas da caridade eclesial nunca possam confun-

dir-se com a atividade do Estado, no entanto a verdade é que a caridade deve animar a existência inteira dos fiéis leigos e, conseqüentemente, também a sua atividade política vivida como “caridade social” [...] A Igreja nunca poderá ser dispensada da prática da caridade como atividade organizada dos crentes, como aliás nunca haverá uma situação em que não seja preciso a caridade de cada um dos indivíduos cristãos, porque o homem, além da justiça, tem e terá sempre necessidade do amor (Bento XVI, [Deus caritas est](#), DCE 28-29)

Não possuímos a verdade, ela é que nos possui

O diálogo não visa à conversão, mas a uma melhor compreensão recíproca: isso é correto. Contudo, a busca de conhecimento e compreensão sempre pretende ser também uma aproximação da verdade. Assim, ambas as partes, aproximando-se passo a passo da verdade, avançam e caminham para uma maior partilha, que se funda sobre a unidade da verdade. Quanto a permanecer fiéis à própria identidade, seria demasia-

do pouco se o cristão, com a sua decisão a favor da própria identidade, interrompesse, por assim dizer, por vontade própria o caminho para a verdade. Então, o seu ser cristão tornar-se-ia algo de arbitrário, uma escolha simplesmente factual. Nesse caso, evidentemente, ele não teria em conta que a religião tem a ver com a verdade. A propósito disso, eu diria que o cristão possui a grande confiança, mais ainda, a certeza ba-

silar de poder tranquilamente fazer-se ao largo no vasto mar da verdade, sem dever temer pela sua identidade de cristão. Sem dúvida, não somos nós que possuímos a verdade, mas é ela que nos possui a nós: Cristo, que é a Verdade, tomou-nos pela mão e, no caminho da nossa busca apaixonada de conhecimento, sabemos que a sua mão nos sustenta firmemente. ([Discurso à Cúria Romana, 21 de dezembro de 2012](#)).

O diálogo inter-religioso segundo Ratzinger

Núcleo Fé e Cultura

Discutimos hoje o diálogo inter-religioso no contexto de um mundo que, ao mesmo tempo que se aproxima cada vez mais, tornando-se cada vez mais um único teatro da história humana, é convulsionado por guerras, dilacerado por crescentes tensões entre ricos e pobres e radicalmente ameaçado pelo mau uso do poder tecnológico do homem sobre o planeta. Essa tripla ameaça deu origem a um novo cânone de valores éticos, que resumiria a principal tarefa moral da humanidade neste momento da história em três ideias: paz, justiça e integridade da criação. Embora não sejam idênticas, religião e moralidade estão inseparavelmente ligadas. Portanto, é óbvio que, em um momento no qual a humanidade adquiriu a capacidade de destruir a si mesma e o planeta em que vive, as religiões têm uma responsabilidade comum de superar essa tentação [...]

A questão que se coloca, no entanto, é: como isso pode ser feito? Dada a diversidade das religiões, dados os antagonismos entre elas que muitas vezes se inflamam mesmo em nossos dias, como podemos nos encontrar? Se é que isso é possível, qual tipo de unidade pode haver? [...]

As religiões não possuem, *a priori*, o conhecimento do que serve à paz aqui e agora; de como construir a justiça social dentro e entre os Estados; de como melhor preservar a integridade da criação e cultivá-la responsabilmente em nome do Criador. Essas questões têm de ser trabalhadas pela razão, num processo que inclui sempre o livre debate entre opiniões diversas e o respeito pelas diferentes abordagens. Sempre que um moralismo religiosamente motivado evita esse pluralismo, muitas vezes irredutível, declarando que um caminho é o único correto, a religião se torna uma ditadura ideológica, cuja paixão totalitária não constrói a paz, mas a destrói [...] Evidentemente, a recusa em transformar a religião em um moralismo político não

Joseph Ratzinger explicitou sua visão sobre o diálogo inter-religioso num encontro com o Rabino Leonard Sztejnberg ocorrido na Academie sciences morales et politiques, publicado em [Communio: International Catholic Review](#), em 1998. Os trechos aqui selecionados do texto mostram um pensador aberto ao encontro que busca a verdade, imbuído de uma visão humilde de diálogo. Nas suas palavras “na kenosis de Deus [seu esvaziamento no sacrifício de Cristo] é o lugar onde as religiões podem entrar em contato sem reivindicações arrogantes de dominação”.

muda o fato de que a educação para a paz, a justiça e a integridade da criação está entre as tarefas essenciais da fé cristã e de todas as religiões — ou que o ditado “pelos seus frutos os conhecereis” pode ser aplicado ao seu desempenho [...]

A pobreza é necessária para o diálogo e a busca da verdade. A *kenosis* de Deus [seu esvaziamento no sacrifício de Cristo] é o lugar em que as religiões podem entrar em contato sem reivindicações arrogantes de dominação. O Sócrates platônico ressalta a conexão entre verdade e vulnerabilidade, verdade e pobreza, especialmente na *Apologia* e em *Criton* (Coimbra: Edições 70, 2018). Sócrates é credível porque, ao “tomar partido de deus”, não busca nem posição nem posses, mas, pelo contrário, é levado para a pobreza e, finalmente, para a posição de acusado. A pobreza é verdadeiramente a forma divina pela qual a verdade aparece: na sua pobreza, pode exigir obediência sem alienação.

Três observações sobre diálogo e verdade. Resta uma última pergunta: o que tudo isso significa concretamente? O que se pode esperar de que tal concepção do Cristianismo contribua para o diálogo inter-religioso? [...] Gostaria de fazer três observações:

1. As religiões só podem encontrar-se umas com as outras aprofundando-se na verdade, não a abandonando. Nem o ceticismo, nem o puro pragmatismo nos unem. Ambos apenas nos abrem para as ideologias, que se tornam mais autoconfiantes. A renúncia à verdade e às suas convicções não eleva o homem, mas o deixa submetido ao cálculo utilitarista e rouba-lhe a grandeza. O que é necessário, entretanto, é a reverência pela crença do outro, juntamente com a disposição de buscar a verdade no que considero estranho — uma verdade que me diz respeito e que pode me corrigir e me levar adiante. O que é necessário é a vontade de olhar por trás do que pode parecer estranho, a fim de encontrar a realidade mais profunda que ali se esconde. Eu também devo estar disposto a deixar minha compreensão estreita da verdade ser quebrada, a aprender melhor minhas próprias crenças, entendendo o outro e, dessa forma, me deixar aprofundar no caminho para Deus, que é maior — na certeza de que eu nunca possuirei totalmente a verdade sobre Deus e sou sempre um aprendiz, um peregrino cujo caminho para ele nunca está no fim.

2. Embora devamos sempre buscar o positivo no outro, devemos também nos ajudar a encontrar a verdade. Por isso, não podemos nem devemos prescindir de críticas.

A religião contém, por assim dizer, a preciosa pérola da verdade, mas também a esconde continuamente e corre sempre o risco de perder a sua própria essência. A religião pode adoecer e tornar-se um fenômeno destrutivo. Pode e deve levar à verdade, mas também pode nos afastar dela [...] Pode ser relativamente fácil para nós criticar a religião dos outros, mas também devemos estar prontos para aceitar críticas a nós mesmos, à nossa própria religião [...] Karl Barth estava certo ao afirmar que mesmo a religião dos cristãos pode adoecer e se tornar superstição [...] A religião concreta na qual os cristãos vivem sua fé deve ser incessantemente purificada pela verdade [...]

3. O diálogo, no qual ajudamos uns aos outros a sermos melhores cristãos, judeus, muçulmanos, hindus e budistas não pode substituir a atividade missionária. Tal substituição seria uma completa falta de crença. Sob o pretexto de promover o melhor do outro, deixaríamos de levar a sério a nós mesmos e ao outro e acabaríamos renunciando à verdade. A resposta, penso eu, é que a missão e o diálogo não devem continuar a ser antíteses, mas devem penetrar-se mutuamente. O diálogo não é uma conversa aleatória, mas visa à persuasão, à descoberta da verdade. Caso contrário, é inútil. Por outro lado, os futuros missionários não podem mais pressupor que estão dizendo a alguém, até então desprovido de qualquer conhecimento de Deus, no que ele tem que acreditar. Esta situação pode, de fato, ocorrer e talvez ocorra com frequência crescente em um mundo que em muitos lugares está se tornando ateu. Mas entre as religiões, encontramos pessoas que por meio de sua religião ouviram falar de Deus e tentam viver em relação com Ele. A pregação deve, portanto, tornar-se um evento dialógico [...] O pregador não é simplesmente um doador, mas também um receptor.

A herança litúrgica do Papa Bento XVI

Dom Antonio
Luiz Catelan Ferreira*

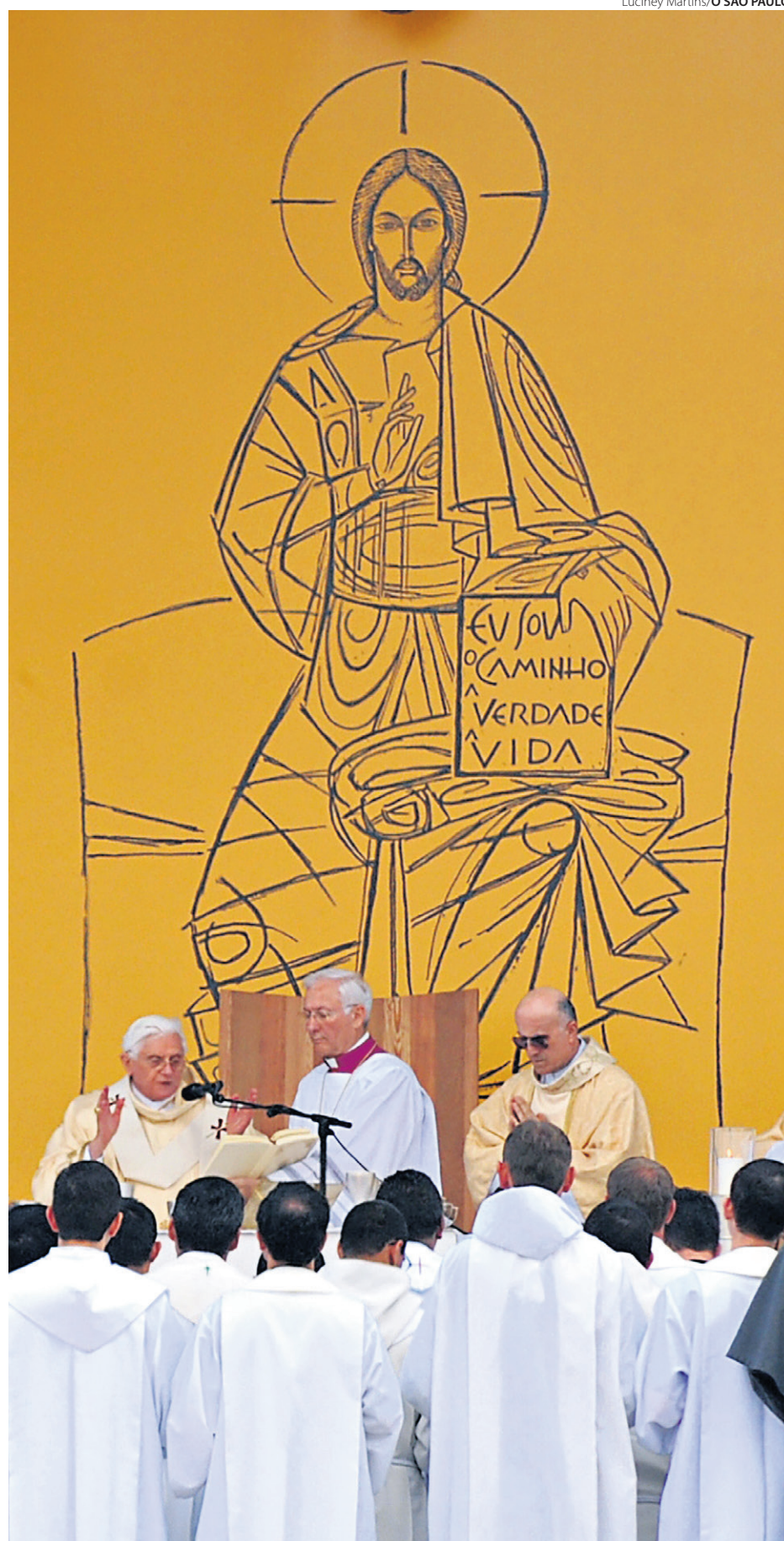
A liturgia é um dos temas mais caros ao Papa Bento XVI. Ele dedicou-lhe muita atenção e reflexão, tanto em sua produção teológica pessoal quanto em seu Magistério Pontifício.

A produção teológica de J. Ratzinger a respeito da liturgia é marcada principalmente por duas obras: *A Festa da Fé* (1981) e *O Espírito da Liturgia: uma introdução* (2000). Na coleção que reúne sua produção teológica, o volume 11 recolhe diversos artigos, conferências, apresentações e homilias sobre o tema. Na língua original, soma 757 páginas (Herder, 2008), na tradução brasileira (Ed. CNBB, 2ª edição revisada, 2019), soma 751.

O texto em que ele desenvolve seu pensamento de modo mais sistemático e completo é do ano 2000. O título da obra se assemelha muito ao do livro de um de seus autores favoritos, Romano Guardini, *O Espírito da Liturgia* (São Paulo: Cultor de Livros, 2018), publicado originalmente em 1918. Com isso, ele indica que pretende retomar aspectos de uma corrente do Movimento Litúrgico que não receberam a mesma atenção no caminho da liturgia ao longo do século XX. A história da liturgia e de seus principais elementos é apresentada na perspectiva da continuidade fundamental e o que se assemelha a rupturas ele demonstra serem evoluções necessárias do fundamento posto por Deus desde o ato criador do cosmos. Essa perspectiva se manifesta já na relação entre o Antigo e o Novo Testamento.

Nesse livro, o estudo dos fundamentos bíblicos da liturgia recebe atenção primorosa. Dialoga com os autores das principais pesquisas e as passa em resenha para discutir as ideias principais ou mais difíceis. Dá grande atenção ao desenvolvimento da liturgia ao longo da história da Igreja, em perspectiva de crescimento orgânico, vital, sem rupturas bruscas. Destaca-se sua exposição sobre o significado da participação ativa de todos os fiéis nas celebrações: trata-se não simplesmente de fazer ou dizer coisas, mas de tomar parte na ação fundamental, que é realizada por Cristo por meio de sua Igreja. Os fiéis não são meros espectadores, tomam realmente parte no ato de culto, suas ações exteriores são extremamente importantes. Bastaria, para compreender a importância que J. Ratzinger atribui a elas, a leitura do capítulo quarto desse livro, a respeito da forma litúrgica, no qual trata do significado espiritual do rito, do corpo com suas posições e gestos, da voz, da veste e da matéria que entra no ato de culto.

Em seu Magistério Pontifício, destacam-se duas exortações apos-



Luciney Martins/O SÃO PAULO

tólicas e uma carta apostólica. Os textos maiores, as exortações apostólicas, são: *Sacramentum Caritatis* (SC, 2007) e *Verbum Domini* (VD, 2010). No primeiro, a opção por apresentar a Eucaristia a partir da fé, da celebração e da vida, assume a perspectiva mistagógica. Essa perspectiva caracteriza grande parte de suas homilias sobre temas litúrgicos. Destacam-se as proferidas por ocasião das celebrações anuais da Missa Crismal (manhã de Quinta-Feira Santa), dos Batismos celebrados na Festa do Batismo do Senhor e das Ordenações. Sua compreensão da mistagogia se encontra no magnífico número 64 dessa exortação.

Ele considera que essa é a forma fundamental da formação litúrgica, formar pela liturgia mais que para ela (embora valorize muito também essa modalidade). Não menos importante é a noção de culto espiritual que se encontra no número 70, que exprime como o mistério crido e celebrado se torna “princípio da vida nova” e “forma da existência cristã”.

A exortação apostólica *Verbum Domini* trata da Palavra de Deus de modo geral, mas dedica os números 52 a 71 à Palavra de Deus na liturgia. Entre a compreensão do significado teológico da Palavra de Deus, sua difusão pastoral e a

atuação da Igreja no mundo consequente à fé, está, como a fazer conexão e transição, a Palavra na celebração. Aí se destaca a noção de sacramentalidade da Palavra (VD 56). É a primeira vez que essa expressão ocorre em um documento pontifício, e isso ocasionou muitos estudos e publicações. Em analogia (comparação que leva em conta semelhanças e diferenças) com a encarnação do Filho de Deus e com os sacramentos, ele expõe a eficácia da Palavra, que produz em nós o que significa. Destaca-se a analogia com a presença real de Cristo na Santíssima Eucaristia, pois em sua Palavra Ele está realmente presente e se dirige a nós, o que tem consequências para a vida espiritual dos fiéis e para a vida pastoral da Igreja.

Por fim, a carta apostólica (*motu proprio*) *Summorum Pontificum* (2007), trata do uso da liturgia romana anterior à reforma litúrgica de 1970. Levando em conta o impulso da liturgia para a vida espiritual, para o fortalecimento da religião e da piedade do povo cristão, dá continuidade a ações de seu predecessor, São João Paulo II, que permitiram cada vez mais ampla e facilmente o uso da edição do Missal de 1962. Na introdução aos 12 artigos, demonstra que a coexistência dos dois Missais e dos dois rituais (o da forma típica reformada e o anterior, compreendido como forma extraordinária) não fere a concordância que deve haver entre as Igrejas particulares e a Igreja universal quanto à doutrina da fé, aos sinais sacramentais e aos usos universalmente aceitos. Também não põe em risco a correspondência entre a regra da oração e a regra da fé na Igreja (*Instrução Geral sobre o Missal Romano*, 3ª ed. típica, nº 397). Isso porque na liturgia há crescimento e progresso, mas na continuidade, sem rupturas. Juntamente com a carta apostólica, escreve uma Carta aos Bispos no qual pede generosidade com relação aos grupos que solicitam celebrações na forma extraordinária como também prudência no acompanhamento, pois “não faltam exageros e algumas vezes aspectos sociais indevidamente vinculados à atitude dos fiéis ligados à antiga tradição latina” (Carta).

Talvez mais até do que o aspecto doutrinal do Magistério litúrgico de Bento XVI, sua forma de celebrar e de pregar durante as celebrações sejam o aspecto mais precioso de seu legado. Ele viveu o que ensinou: “A melhor catequese sobre a Eucaristia é a própria Eucaristia bem celebrada” (SC 64).

* Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro, Membro da Comissão Teológica Internacional, Professor da PUC-Rio e Secretário da Sociedade Ratzinger Brasil

Bento XVI, o Magno

Paulo Henrique
Cremoneze*

Certa vez, um amigo sacerdote e que trabalhava em Roma foi a Munique para uma atividade religiosa quando, coincidentemente, o então Cardeal Joseph Ratzinger, Prefeito da Congregação para a Doutrina e Fé, visitou sua terra natal para resolver problemas da Igreja na Alemanha. Numa entrevista coletiva para a imprensa alemã e de outros países, um repórter fez uma longa introdução à sua pergunta, capciosa, venenosa, falando muito mal da Igreja. Disse que a Igreja agonizava na Alemanha, que os fiéis já não eram tão fiéis assim, que havia escândalos, e mais uma porção de afirmações infundadas ou pouco verídicas. Todos esperavam que o Cardeal fosse responder algo duro. Ratzinger, com olhar paradoxalmente firme e doce, voz calma, serena e elegante, própria de quem fala com autêntica autoridade, agradeceu a pergunta e se limitou a responder “mas é exatamente para ajudar a resolver esses problemas que estou aqui”. Simples, direto, o Cardeal desarmou o jornalista e o calou de forma absolutamente cristã. Com sabedoria, impediu o alongamento da maldade em curso e a discussão estéril, improdutiva. Espero sempre me lembrar desse gesto de caridade

Joseph Ratzinger foi, disso não há dúvidas, um dos grandes teólogos do nosso tempo e uma das mentes mais brilhantes da história da Igreja. Papa, teólogo, intelectual, bom pastor, foi, gosto de pensar, alguém que conseguiu unir harmoniosa e paradoxalmente ortodoxia e vanguarda. Eu o vi de perto algumas abençoadas vezes e me emociono ao lembrar. Seu carisma não era vulgar, marcado pelo sentimentalismo, e, sim, da autoridade de seu saber e do seu zelo pela sã doutrina. Sua morte me deixou bastante comovido e em oração confiante. Firmeza não significa agressividade, nem convicção inabalável quer dizer verborragia belicosa. A humildade de Bento XVI, um dos maiores intelectuais da Igreja de todos os tempos, é um exemplo para todos nós, algo a ser refletido e imitado.

do eterno Papa e, com isso, ser a cada dia um homem melhor.

Sua postura sempre foi a de quem tem conteúdo cultural e muita oração, de quem vive com o livro na mão e o joelho no chão. A sabedoria exige esforço contínuo e um coração aberto à Verdade, como foi, é e será eternamente o do magno Cardeal, o querido Papa Emérito Bento XVI. Sacerdote, autoridade eclesial, teólogo, Papa, um homem justo, quem sabe...

santo! Nunca me esquecerei de seu pontificado. Sou-lhe profundamente grato. Em um tempo de liquefação de valores, de esvaziamento cultural, de incensamento da emotividade excessiva, de vulgarização da fé e da razão, de desprezo por protocolos e tradições, ele foi a doce contradição, aquele que dava esperança de ser possível não se deixar arrastar pelos gostos muito duvidosos do mundo.

Grande estudioso da fé, homem

justo, cooperador da Verdade, defensor da ortodoxia e um fiel trabalhador da vinha do Senhor. Sua envergadura intelectual era (e é) tanta, que certa vez ouvi de um professor de teologia, simpaticamente de corrente doutrinária não exatamente admiradora do Papa Emérito, que o “problema de Bento XVI é que ele escreve bem demais, inegavelmente profundo”. Evidentemente que coloco muito entre aspas a palavra “problema” e resalto com entusiasmo a afirmação “inegavelmente profundo”. Ele foi e sempre será o Papa da minha vida.

Reverenciar a memória do Papa Emérito é abraçar a catolicidade e se sentir seguro de pertencer à Igreja que o Senhor fundou e que sempre presenteou com pastores zelosos, dedicados, enamorados da Verdade e, não poucos, com reluzente brilho intelectual. Descanse em paz, Sumo Pontífice. Seu nome para sempre será anelado ao da Eterna Roma. Que Nosso Senhor o receba de braços abertos na Jerusalém Celeste e lhe dê o descanso eterno e a luz que não se apaga.

* Advogado, mestre em Direito Internacional pela Universidade Católica de Santos, vice-presidente da UJUCASP – União dos Juristas Católicos de São Paulo.

A busca pela verdade e a tristeza pelas desgraças do mundo

Outrora a “Sapienza” era a universidade do Papa, mas hoje é uma universidade laica com aquela autonomia que, na base do seu próprio conceito constituinte, sempre fez parte da natureza da universidade, que deve estar vinculada exclusivamente à autoridade da verdade. Na sua liberdade de autoridades políticas e eclesiásticas, a universidade encontra a sua função particular, nomeadamente na sociedade moderna, que tem necessidade de uma instituição desse gênero [...]

O que é que pode e deve dizer o Papa no encontro com a universidade da sua cidade? [...] O Papa fala como representante de uma comunidade crente, na qual, durante os séculos da sua existência, amadureceu uma determinada sabedoria da vida; fala como representante de uma comunidade que guarda em si um tesouro de conhecimento e de experiência ética, que se revela importante para toda a humanidade: nesse sentido, fala como representante de uma razão ética.

[Os cristãos dos primeiros séculos acolheram] a sua fé não de forma positivista, ou como a via de fuga de desejos

não realizados; compreenderam-na como uma diluição da neblina da religião mitológica para deixar espaço à descoberta daquele Deus que é Razão criadora e, ao mesmo tempo, Razão-Amor. Por isso, o interrogar-se da razão sobre o Deus maior e sobre a verdadeira natureza e o autêntico sentido do ser humano era, para eles, não uma forma problemática de falta de religiosidade, mas parte da essência do seu modo de ser religiosos. Por conseguinte, [...] podiam, aliás deviam, acolhê-lo e reconhecer como parte da sua própria identidade a árdua busca da razão para alcançar o conhecimento da verdade inteira [...]

A verdade, porém, nunca é apenas teórica. Agostinho, ao estabelecer uma correlação entre as Bem-Aventuranças do Sermão da Montanha e os dons do Espírito mencionados no capítulo 11 de Isaías, notou uma reciprocidade entre *scientia* e *tristitia*: o simples saber deixa-nos tristes. E, realmente, quem se limita a ver e apreender tudo aquilo que acontece no mundo, acaba por ficar triste. Verdade, contudo, significa mais do que saber: o conhecimento da verdade tem como finalidade o conheci-

mento do bem. Este é também o sentido do questionamento socrático: Qual é o bem que nos torna verdadeiros? A verdade torna-nos bons, e a bondade é verdadeira: tal é o otimismo que vive na fé cristã, porque a esta foi concedida a visão do Logos, da Razão criadora que, na encarnação de Deus, se revelou conjuntamente como o Bem, como a própria Bondade [...]

O que é que o Papa tem a fazer ou a dizer na universidade? Seguramente, não deve procurar impor de modo autoritário aos outros a fé, a qual pode ser dada somente em liberdade. Para além do seu ministério de Pastor na Igreja e com base na natureza intrínseca desse ministério pastoral, é sua missão manter desperta a sensibilidade pela verdade; convidar sempre de novo a razão a pôr-se à procura da verdade, do bem, de Deus e, neste caminho, estimulá-la a entrever as luzes úteis que foram surgindo ao longo da história da fé cristã e, assim, sentir Jesus Cristo como a Luz que ilumina a história e ajuda a encontrar o caminho rumo ao futuro.

(Bento XVI, Discurso para o encontro, que não se realizou, na Universidade de Roma “La Sapienza”, 17/01/2008)

J. Ratzinger - Bento XVI: roteiros de leitura

Rudy Albino de Assunção*

Muitos me perguntam como começar a ler Ratzinger - Bento XVI. A resposta depende sempre dos objetivos do interessado. De qualquer modo, eu sugiro que todos comecem com a autobiografia dele (*Lembranças de minha vida*, São Paulo: Paulinas, 2007) e biografias sérias, como as de Pablo Blanco, Peter Seewald, Elio Guerriero. Familiarizem-se com as pessoas e os lugares da vida do teólogo e papa alemão. Para aqueles que querem estudá-lo para fins acadêmicos, sugiro que obedeam à lógica que ele mesmo deu às suas *Obras Completas* (em fase de publicação pelas Edições CNBB) seguindo os seguintes temas: Santo Agostinho e a doutrina sobre a Igreja; São Boaventura, Revelação e Teologia da História; O Deus da fé e o Deus dos filósofos; Introdução ao Cristianismo; Criação - Antropologia - Mariologia; Jesus de Nazaré. Cristologia Espiritual; O Concílio Vaticano II, evento e hermenêutica; Eclesiologia e Ecumenismo; Revelação, Escritura e Tradição; Escatologia - Ressurreição e vida eterna; Teologia da Liturgia; Teologia do ministério ordenado. Lembro, ainda, que a sua obra está disponível em língua portuguesa ainda de forma muito fragmentada. Então, que se tenha consciência de que será preciso lê-lo em outros idiomas, com um certo investimento de tempo e de dinheiro, para sair do diletantismo para a especialização.

Mas se os objetivos dos leitores forem menos audaciosos, mais livres - mas não menos legítimos do que os acadêmicos - só para fins de crescimento pessoal, intelectual ou espiritual, ou para o seu serviço eclesial, depois da parte biográfica eu indicaria a leitura da trilogia *Jesus de Nazaré* (São Paulo: Edições Planeta, 2020) e de *A filha de Sião* (São Paulo: Paulus, 2013) seguidos por *Introdução ao Espírito da Liturgia* (São Paulo: Loyola, 2013), que embora bastante técnico, trata de um tema muito familiar, o que pode ser de alguma ajuda na compreensão; *O novo povo de Deus* (São Paulo: Molokai, 2019) e, se tiver fôlego e alguma base filosófica, *O Deus da fé e o Deus dos filósofos* (Tubarão, SC: Escola Ratzinger, 2022) e *Introdução ao Cristianismo*. (São Paulo: Loyola, 2005). Não sugiro *Introdução ao Cristianismo* como uma introdução a Ratzinger. Nesse segundo percurso, os leitores terão passado pelas grandes áreas às quais ele se dedicou: cristologia, mariologia, eclesiologia, liturgia, teologia fundamental e ao dogma de modo geral. A vantagem desse segundo itinerário é que (quase) tudo já está em língua portuguesa e em comercialização.

Se os nossos leitores estiverem



Luciney Martins/O SÃO PAULO

A produção intelectual de Joseph Ratzinger / Bento XVI foi vasta, abrangente e profunda. Leituras parciais e interpretações deturpadas frequentemente dificultaram ainda mais a compreensão de sua obra. O roteiro a seguir pode ajudar a uma boa compreensão de sua obra.

mais interessados no Papa do que no teólogo, recomendo que se concentrem inicialmente nas suas incíclicas - [Deus caritas est](#), [Spe salvi](#), [Caritas in veritate](#) e, por que não, naquela publicada por Francisco mas escrita em sua maior parte por Bento XVI, [Lumen fidei](#) - passando às suas catequeses sobre os Apóstolos, sobre Paulo, sobre os Padres e os Doutores da Igreja, os Mestres Medievais e as Santas Mulheres, para concluir com aquelas com as quais ele começou a tratar do Ano da Fé. Se os leitores forem sacerdotes ou seminaristas, não percam o que ele falou no Ano Sacerdotal. Nesta lista, não poderiam faltar os grandes discursos de Bento XVI que tratam de fé e razão, fé e ciência, fé e política: a *lectio* na [Universidade de Regensburg](#) (12/09/2006); para o mundo da cultura em Paris, no [Collège des Bernardins](#) (12/09/2008); para a Universidade

La Sapienza, não pronunciado por uma insensata oposição de alguns professores e alunos daquela instituição, mas felizmente publicado (15/01/2008); e aqueles para os Parla-mentos [inglês](#) (17/09/2010) e [alemão](#) (22/09/2011). Sua visão sobre o Vaticano II e a sua hermenêutica do evento aparecem no seu discurso natalício à [Cúria Romana](#), no início do seu pontificado (22/12/2005) e naquele *a braccio* ao [clero romano](#), no fim dele (14/02/2013). Não há como entender o nosso autor sem o pano de fundo do último Concílio universal.

Por fim, aos leitores que querem uma vista panorâmica do pensamento de Ratzinger sobre os temas mais variados, digo-lhes que sigam a trilha dos seus livros-entrevista: o primeiro, *Relatório sobre a fé* (Tubarão, SC: Escola Ratzinger, 2021) com o italiano Vittorio Messori; os seguintes com o alemão Peter Seewald, já

mencionado, que são *O sal da terra* (Campinas: Ecclesiae, 2021), *Deus e o mundo* (São Paulo: Molokai, 2021), *Luz do mundo* (Campinas: Ecclesiae, 2021), *Últimas conversas* (Amadora, Portugal: Dom Quixote, 2016) ou *Último Testamento* (São Paulo: Planeta, 2017).

Aos corajosos e curiosos, aos admiradores e críticos, eu digo o mesmo: vamos às fontes de Ratzinger - Bento XVI. Deixemos de lado as caricaturas, a favor dele ou contra ele. Ele é irrotulável: não pode ser reduzido a martelo dos progressistas nem a um grande curador de museu tradicionalista ou reacionário. Foi teólogo católico, papa da Igreja católica, em pleno sentido. Viveu na Igreja e para a Igreja. Sabendo que ela é do Senhor, não dos bispos e - para a surpresa de muitos - nem dos teólogos.

Ratzinger - Bento XVI serviu à Igreja escrevendo a lápis e é no papel que vamos encontrar o seu espírito, o seu legado, não como letra morta, mas como algo vivo que nos conduz a Cristo.

* Bacharel em Filosofia pelo Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE), Doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Um dos maiores especialistas brasileiros no pensamento de Bento XVI, é o criador da Escola Ratzinger (contato@escolaratzinger.com.br).